

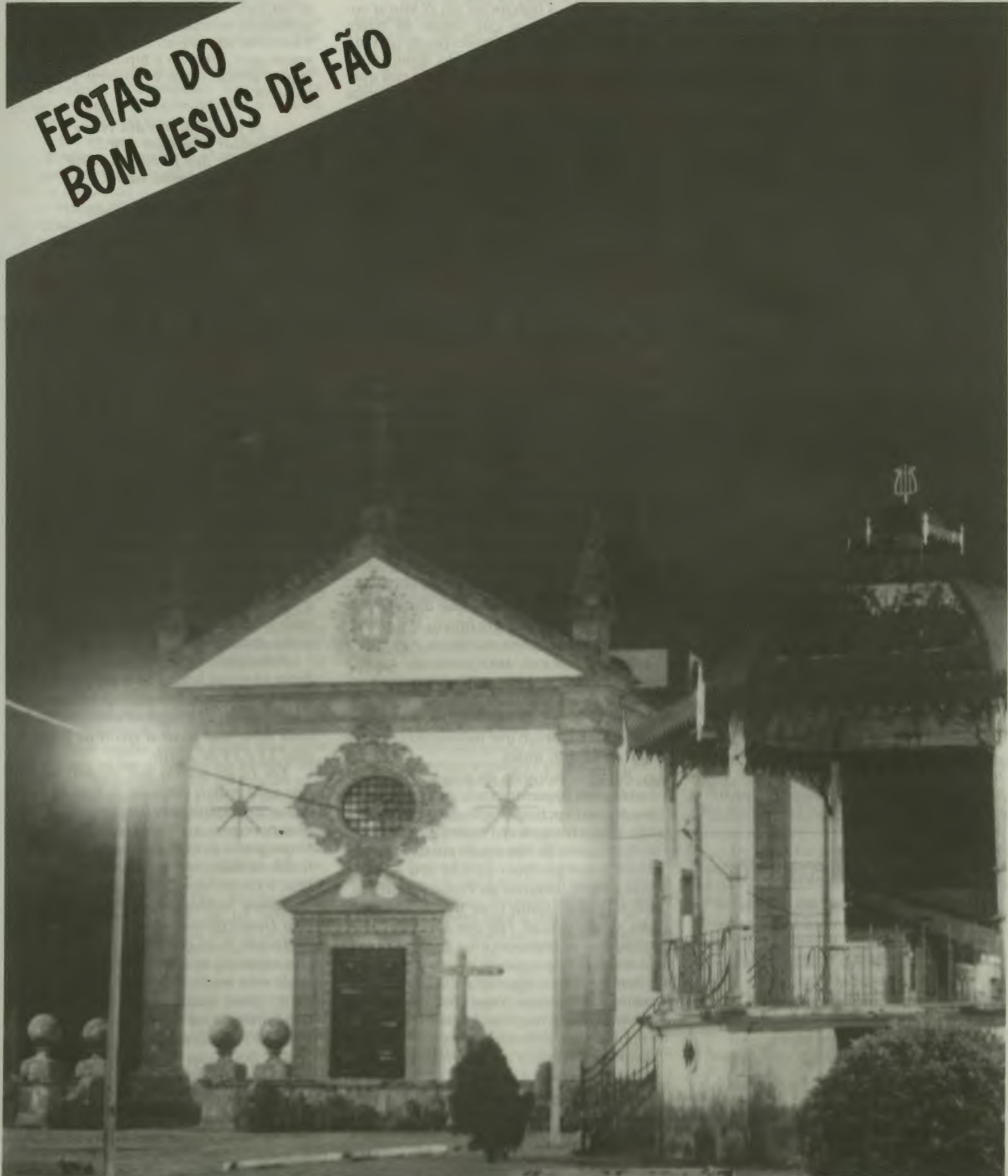


○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

**FESTAS DO
BOM JESUS DE FÃO**



SEGUNDO os textos moisaicos, Salomão — uma vez estabelecida a unidade do povo hebreu — resolveu dar execução ao desejo de seu pai, o rei David: construir o Templo do Senhor, em Jerusalém. Para isso David já reunira avultadas quantidades de ouro e madeiras do Líbano — o primeiro produto das guerras movidas contra povos mais ricos, e as segundas fornecidas pelo rei Hirão, empório comercial fenício da Antiguidade. Salomão recorreu, tal como seu pai, ao rei fenício, e este cedeu-lhe artífices hábeis nos trabalhos metalúrgicos, experientes construtores de grandes edifícios, homens saberdores da arte de lavar a pedra. Hirão mandou-lhe, também, grandes carregamentos de madeiras, sobretudo dos famosos cedros do Líbano, e importantes quantidades de ouro. Todavia Salomão, desejava mais ainda. E, então, construiu uma frota, a qual tripulada por marinheiros fenícios, partiu para uma terra denominada Ofir, de onde trouxe carregamentos de ouro, pedras preciosas, etc. As viagens a Ofir sucederam-se. O povo hebreu, ou melhor, o seu soberano, recebia, de três em três anos, novos contingentes do precioso metal. Essas travessias apenas cessaram, ao serviço de Salomão, quando este morreu e a unidade hebraica teve seu trágico eclipse.

Diz a lenda minhota que o bíblico Ofir existia na foz do Cávado. Seria ali que os navios fenícios, ao serviço do rei israelita, recolhiam suas cargas magníficas. Os povos indígenas forneceriam aos marinheiros de Tiro o ouro que abundava nas suas colinas do interior e do litoral, tal como as pedrarias que abundavam na região, sobretudo nos rios.

Assim, o nome de «Ofir» e a designação de «Cavalos de Fão» estão ligados a uma velha lenda de uma suposta colonização hebraica da Península. Salomão, tendo recebido muito ouro das terras de Ofir, remeteu, como presente, aos habitantes dessa terra, três navios com alguns formosos corcéis.

Sucedeu, porém, que uma tempestade afundou essas naves, quando elas já se aproximavam da costa de Ofir e os admiráveis corcéis, por obra dos duendes, se converteram nos perpétuos cavalos petrificados, que as águas do Oceano ora acariciam, ora batem com espumosa fúria...

★

As investigações mais recentes sobre Ofir (o da Bíblia entende-se) conduzem a esta conclusão resumida por René Thenevin: O termo Ofir designaria, de maneira genérica, todos os centros abastecedores de ouro, e não um local determinado. Seria um nome sob o qual os fenícios, cautelosos em ocultar suas

OFIR E A SUA LENDA

rotas comerciais à já intensa espionagem, dos concorrentes, escondiam diferentes territórios que exploravam. Assim, não haveria um único Ofir mas vários.

A questão, quanto à foz do Cávado, consiste, portanto, em saber, tanto quanto possível, se existem elementos susceptíveis de tornar admissível ou absurda a versão da lenda. Poderiam os fenícios ter ido ali buscar ouro? É lícito afirmar que, longe de haver factores negativos, os factores positivos (e até afirmativos) são, de certo modo, abundantes. O Cávado, o Lima, o Minho, foram rios que, na época do domínio romano, forneceram verdadeiros caudais de ouro e pedrarias. Nas proximidades do Cávado, na actual Lagoa Negra, houve intensa exploração mineira em tempos mui remotos. Nos montes vizinhos, são múltiplos os sinais de igual exploração — tal como abundam em todo o território compreendido entre o Douro e a costa galega. Plínio, Estrabão, Pompónio Mela e outros cronistas da Antiguidade, são unânimes em atribuir a estas zonas da península fabulosa ri-

queza de ouro, prata, estanho e pedrarias. E já não escasseiam os vestígios reveladores de que os povos nativos conheciam, muito antes da época salomónica, a exploração dos metais.

Assim, não é audacioso (nem infundamentado sequer!) pensar que existe, no fundo da lenda minhota, determinada dose de realidade de ou, pelo menos, de verosimilhança. Que os fenícios levaram ouro do litoral minhoto, é certo ou admissível. Se esse ouro também seguiu para Salomão é hipótese que não repugna aceitar, nem é possível repelir totalmente.

*Se um anjo um dia viesse
passar férias em Ofir...
Talvez que já não quisesse
ao céu de novo subir!...*

*Ofir é como um segredo
murmurando junto ao mar —
— depois transmitido a medo
pelos búzios ao luar.*

COMO SURGIRAM AS FESTAS

A imagem do Bom Jesus que se comemora no templo da Alameda, quanto a nós, teria sido comprada pela comunidade dos fangueiros ou oferecida por algum benemérito. No entanto a lenda emoldura-lhe a história e assim se diz que a imagem do Bom Jesus de Fão teria sido lançada ao mar para assim fugir à onda de iconoclastia que então grassava, dizem uns, que na Inglaterra e outros que na Itália.

Uma delas entrou pela foz do Cávado e veio à lagoa dos Junqueiros. Foi encontrada por uma mulherzinha que andava aos gravetos. Faltava-lhe um braço. Mais tarde uma outra fangueira encontrou o membro faltoso mas, já em casa e pensando que era madeira, deitou ao lume. No entanto o braço saltava sempre para fora até que o povo do lugarejo constatou que aquele graveto era o braço que faltava na imagem aparecida dias antes.

Em comemoração do milagre, foi construída uma pequena capela que por sua vez deu lugar ao actual templo do Bom Jesus de Fão. Que a imagem era muito venerada pelos habitantes de Fão e pelo povo em redor, não se tenha qualquer dúvida. Era gente de toda a parte, máxime da Póvoa de Varzim, que no dia de Santa Cruz três de Maio, vinha ao templo de Fão em romaria para agradecer ou implorar uma graça. Ainda é do nosso tempo o uso de muitos peregrinos darem de joelhos algumas voltas em cumprimento de promessa. Nessa época a festa era essencialmente religiosa, depois laicizou-se e mudou para o domingo e segundo de Pascoela. No entanto o cunho religioso não desapareceu, como é evidente.

Diz o Esposendense de 28-3-1907 que as festas desse ano atraíram milhares de pessoas. Uns iam cumprir promessas. Outros queriam reinação. Já nesse tempo. O jornal cita até o nome dos comissionistas da altu-

ra: Querubim Evangelista da Silva, Ernesto Pinheiro Magalhães e José Dias dos Santos Borda.

A Pascoela calba em regra no mês de Abril e, como diz o nosso povo, «em Abril, águas mil» muitas vezes as festas eram estragadas pela chuva e então pensou-se mudar para Setembro. Curiosamente o Esposendense de 29-4-909 diz: «não atingiram (as festas) o brilho de outros anos por causa da chuva. Com dificuldade se acendeu parte da iluminação que não era eléctrica. E concluiu: «As festas, por causa do mau tempo, deviam ser transferidas para outra época».

Pelos visto arranjar uma Comissão de festas já nesses tempos não era tarefa fácil. Lê-se no mesmo jornal de 18-5-911: «uma comissão de briosos rapazes, constituída à última hora, vai levar a efeito as festas dos dias 13 e 14 de Abril».

Em 14 do quarto mês do ano de 1912 veio uma grande excursão ciclista da Póvoa de Varzim organizada por algumas associações povetras: A Comercial, Clube Naval, Empregados de Comércio, a Marítima, Edificadores Fabricantes de Calçado, a Patriótica, e Grupo dos Intransigentes.

Foram recebidos pelo Clube Fãozense e pela Democrática.

Dando fé ao que relata o jornal que vimos seguindo «o coreto ao centro da avenida já está muito adiantado». (2-8-1923).

E, pelos vistos, em 1923 as festas realizaram-se em Setembro pois o Esposendense de 13 deste mês diz que «a romaria do Senhor Bom Jesus foi concorridíssima» se o jornal era de Setembro a conclusão é só uma: festas em Setembro.

Em 1924, porém, tudo volta à mesma pois as festas deste ano foram já em Maio. E, parece, não se voltou a falar mais em mudar.

NOVO ESTABELECIMENTO

A nossa prezada amiga Orlanda Lacerda Viana abriu um gabinete de estética na R. dos Bombeiros. Tem secções de calista, depilação, tratamento de pele e perfumaria.

Não deixe de fazer uma visita ao novo estabelecimento concebido pela sensibilidade do Zé Artur.

Gaste em Fão tudo o que possa gastar.

Felicidades à Orlanda.

Enfim mais um factor de engrandecimento da terra e de embelezamento dos rostos femininos.

FEIRA DE RETALHOS

Por QUIM DE FÃO

— A minha colaboração quase foi à falência. Falta de assunto. Uns dizem que não. Chamam-lhe apoio incondicional à actual Junta. Mentira. A Junta cessante, o senhor Presidente, que merece o título vitalício, aceitou a minha oposição e deu-me razão... em alguns reparos feitos. Quando assim é... é bonito e merece apoio nas suas novas investidas, mas cuidado com a «Confraria»...

— Nunca o «Quim de Fão» lhe negou o título de «trabalhador» mas... que diabo! Não chega.

— Aqui há tempos vi, na televisão, o nosso «vitalício» reivindicando dinheiro para qualquer seca, mas como não fez procissão nocturna, não viu Ecus nenhuns.

— Diz-se que o progresso de hoje, em Fão, é reflexo de ontem. E as asneiras? Para que prato pende a balança? Para o grande ou para o pequeno?

— Houve trinta por uma linha, com comunicados à mistura, mais jornalistas, induzidos em pontos de vista vesgos, sobre o loteamento da Bonança. Venceu a razão de alguns e o loteamento avança. Melhor para Fão. Pior para os piqueniqueiros...

A seca de Janeiro a Março foi uma grande seca. O Cávado, na nossa terra, atravessava-se a pé, entre as duas margens. As lampreias não entraram e o preço subiu, subiu... até atingir, agora em Abril, 7.000\$00 (sete mil escudos) o quilo. É «bicho» caro. Por culpa de quem? Dos pescadores que não fizeram procissão de «belas» nem de velas; que não foram bloquear as entradas com os seus tractores, digo, barcos; que não desceram o Atlântico sobre Lisboa, como os mouros alentejanos fizeram. Aquilo é que foi bonito de ver! Tantos compadres a rezar! A pedirem chuva de Ecus ao Professor Cavaco Silva. E o que é certo é que a troca de alguns milhares de votos, vieram uns milhões de escudos para apagar a seca do maduro. Até me fizeram lembrar o ti Manel Panquinha que vendeu o voto por uma malga de papas...

Então, nós, os minhotos, não sabemos que as nossas terras nunca foram nacionalizadas? Vejam só o nosso hospital que foi uma raridade no país...

Mas o que acontece é o seguinte: O trigo alentejano era nacionalizado, as lampreias nunca foram. As culturas alentejanas não tinham seguro contra secas mas eram vermelhas; as lampreias foram sempre descoradas — desovadas — ou alaranjadas e vai daí não merecem direito a seguro de carência, porque quando há abundância também fogem ao dízimo. Ah pescadores! Ainda chamam aos alentejanos aquilo que eles não são! Eles são portugueses de primeira porque, quer colham quer não, os Ecus caem sempre. Vós, pescadores de Fão, sois portugueses de... última classe. Se há lampreias ganhais escudos se não há, nem Ecus vedes. Fazei procissões nocturnas; chamai a televisão; cortai estradas; cantai o Grândola e terreis lampreias importadas para vender como se fossem do Cávado. Lá na terra dos Ecus há muita lampreia congelada que será oferecida a troco de lamentações progressistas.

PODE SER MALDADE

— Sou maldoso?

— Diga lá, caro leitor, quando o Alentejo dá lucro, os nossos compadres vão a Lisboa, ao senhor Professor, entregar os lucros? Ou só lá vão, quando há prejuízos?

— Está a ver, como há portugueses de primeira e pescadores de Fão, sem classificação social? Ou será culpa dos nossos autarcas que não vêem que não há lampreia e que os pescadores envergonhados apertam o cinto? Eu não sou culpado porque escrevi estas linhas. Como estamos em tempo de «Pilatos», também lavo as minhas mãos...

— A nossa terra foi sempre polémica. As tertúlias multiplicam-se. Nos cafés, no Zé, no Cortinhal, nas escadinhas do cais, há sempre um texto — assunto — e um pretexto para as táticas de jogo. Não faltam «treinadores» de qualquer assunto. Nós também treinámos no «Quim de Fão» e agora estamos a treinar aqui na «Feira de Retalhos».

— Um dos assuntos últimos vergastados foi o dos passeios que marginalizam a antiga estrada nacional. Os peões ganharam. As casas comerciais perderam. Mas perderam, porquê? Todos os automóveis estacionados na faixa de rodagem estão em transgressão. Perante, estacionarem ou não, uns ganham outros perdem. Conforme as cores do clube, conforme os treinadores. O nosso jornal que tem vários «treinadores» já deu o seu parecer...

JUNTA TOUPEIRA

Esta Junta de Freguesia é toupeira. Não vá ver o significado ao dicionário... porque eu explico. Resolveu esventrar Fão. Não há rua que não tenha ou já teve um grande canal para lá depositar novos tubos de água, esgotos, telefone e não sei que mais. Tudo muito necessário e urgente. Não são obras de fachada, nem de «facho». São do povo e para o povo. Só que, como a toupeira, não se vêem, depois de prontas e estão, andam já por aí deitando bando que esta Junta não fez nada. Cheira-me a campanha eleitoral antecipada. Fão nunca teve tanto como hoje... até brasileiras (ponha no feminino) e não são dentistas.

Esta de misturar toupeiras com Junta, mais progresso, mais brasileiras só dos técnicos das escadinhas do cais.

Mas, falando de técnicos/treinadores, que de bola não sabem nem querem saber. Já dizem que a Pousada da Juventude vai ficar uns tempos só com o esqueleto porque o nosso Ministro tomou conta de outras pastas e esqueceu a «pasta» para acabar aquela obra. Será verdade, ou é mais uma boca da bancada?

— A época de pôr o toucinho ao sol aproxima-se. A 2.ª-feira de Páscoa é ou foi o primeiro dia de «emporalhar» o pinhal. Milhares de «turistas» com o seu Kodak (merendeiro e garrafão) acampam ou acamparam no pinhal de Fão, durante todo o dia. Seria um bom começo para o Gabinete da A. Paisagem Desprotegida ou Protegida quando o começar a fazer, seria um bom começo, colocar «vigias educativas» pelo pinhal, ensinando os «turistas(?)» como devem proceder: «Não sujar para não limpar», ou fazer como Jesus fez aos vendilhões (aqui porcalhões) do Templo, (aqui do pinhal de Fão/Ofir). Sabem como foi e como é? Então a «Guidinha»?

TURISMO BEM PARECIDO

Consta-se que, dentro de alguns dias, chegam aos nossos hotéis os primeiros «ingleses» para inaugurarem a época.

É altura de, sem grandes gastos, abrir o Posto de Turismo com uma menina fardada que saiba «spicar»; que conheça um pouco de gastronomia e vinho de copo ou de pipa; que forneça um bom roteiro monumental e horários de transportes; mais a existência do banco, farmácia e hospital. Uma menina risonha e bonita que, para além da competência, tenha outros predicados e complementos mas que não leve a chave para casa e feche o «tasco» quando lhe der na real gana.

As retretes, (é assim que se diz?) junto à praia, também deveriam ser abertas, não só para este turistas mas sobretudo para os «nacionais». No mês de Maio, são frequentes as excursões escolares e como não há «casinha» escolhe-se um cantinho para deixar o «pólcia».

— O nosso banco que, ao que parece não faz anúncio neste jornal, mudou de casa. Foi parar em sítio altaneiro e de bela paisagem, com alto gabarito publicitário e bem posicionado para os passantes automobilistas, foi assentar arraiais no cruzamento da Estrada Nacional, gaveto de Ofir. Só que não tem parque de estacionamento. E os clientes estacionam do lado oposto, sobre o passeio, em clara transgressão. Além disso, tiram, quando aí estacionados, a visibilidade aos automobilistas que sobem a rampa de acesso à estrada nacional. A Junta de Freguesia já pensou em comunicar à G.N.R.? Ou só se multa na Avenida Dr. Manuel Pais?

NOTA — Esta «boca» é dos «treinadores» do Cortinhal.

HORÁRIO DO BANCO

— Porque falámos do Banco e estamos em terra de turismo e porque o Banco está encerrado ao sábado e domingo, parece-nos muito necessário que seja instalada no Banco uma daquelas Caixas de «sacar» dinheiro com o tal cartão. Só que só há uma Caixa em Esposende e aos fins de semana está sempre «tesa».

No último fim-de-semana, um casal jovem estacionou junto à Rita. Era lisboeta. Noivos. Com fome de linguado... da Rita. Não tinham dinheiro. Queriam comer. Tinham um cartão multibanco. Vinham de Esposende e a Caixa não dava dinheiro. Aconselhava a Caixa mais próxima. Perguntaram a um fangeiro «altruista» como arranjar dinheiro.

— Bem, disse este, se tiverem aí um cheque, eu posso trocá-lo por cinco notas de mil. É o que me resta do fim-de-semana.

Os lisboetas — E o senhor, que não nos conhece, faz isso?

O fangeiro — Bem, como vocês são noivos e têm fome de... linguado, eu não posso recusar.

Os lisboetas passaram o cheque (sem cobertura) e levaram as cinco notas de mil. Por estas e por outras, é necessário uma Caixa Multi-Banco na nossa agência bancária.

AGRADECIMENTO

Este número de 16 páginas não é pago pelos assinantes. Assim, batemos à porta de casas comerciais e só em dois casos recebemos um tampo: um deles foi o tal que disse: «A gente um dia destes conversa».

Bem hajam.

MINI-MERCADO

FLOR DO LÍRIO

MERCEARIA - BEBIDAS
CALÇADO - LOUÇAS
ELECTRO-DOMÉSTICOS
BIBELOTS

LUGAR DOS LÍRIOS

FÃO

**RESTAURANTE
DO RIO**

ESPECIALIDADE: **BACALHAU
À ZÉ DA PIPA**
**LINGUADO
À MEUNIER**

TELEF. 981651

FÃO

**SALÃO VÍTOR
CABELEIREIRO**

TELEF. 982424
AV. S. JANUÁRIO, N.º 17

FÃO

CASA SOLINHA**PRONTO A VESTIR**

LANIFÍCIOS E MIUDEZAS • GRANDE SORTIDO EM LÃS

FÃO — ESPOSENDE

LARGO DR. FONSECA LIMA, 17-18
TELEF. 961926

ESPOSENDE

PEIXARIA JOANA

MARISCO
PEIXE FRESCO
E CONGELADO

TELEF. 982634

FÃO

NÓVOA & NOVA, LDA.

OFICINA DE CANTARIAS
GRANITOS E MÁRMORES

TODOS OS TIPOS DE FOGÕES DE SALA EM PEDRA

LUGAR DO BOURO - GANDRA
(ESTRADA ESPOSENDE - BARCELOS)

TELEF. 961947

ESPOSENDE

**FARMÁCIA
HIGIÉNICA**

SECÇÃO DE: PERFUMARIA
ORTOPEDIA
BRINQUEDOS

TELEF. 981303

FÃO

**CASA AURÉLIA
MINI-MERCADO**

- ☆ MERCEARIA
- ☆ BEBIDAS
- ☆ ROUPAS
- ☆ CALÇADO
- ☆ MIUDEZAS
- ☆ LOUÇAS
- ☆ BRINQUEDOS

AS NOSSAS ENTREVISTAS

5

Paio QUIM DE FÃO



Fernando Vilar — Peira — Presidente da Junta de Freguesia de Fão, excepcionalmente, permitiu que o entrevistássemos. Homem de poucas falas mas muito activo, está ao serviço da sua causa vinte e quatro horas por dia — «de noite nem durmo a pensar nisto e naquilo» disse. Tem dinamizado o «programa eleitoral» e concretizado — parcialmente — tudo quanto foi prometido. E projectos a realizar, dentro em breve, também não faltam. Não é fácil fazer muito mais e mudar a face à terra, já que esta precisa, isso sim, de quem vigie para que não se continue a destruir o que resta do Fão histórico. Não podemos esquecer que é a única povoação do concelho com características medievais não só no casario como também nas ruas, não esquecendo sobretudo Fão do século XIX, de traça brasileira, ou com influência dos «cruzeiros» que naquela época e no princípio do século, chegavam a Fão.

HABITAÇÃO

N.F. — *Senhor Presidente, falemos de Urbanização/Habitação. Somos carentes de habitações sociais; casas de arrendamento acessível a casais jovens e operários, pois embora haja um bairro social há pouco construído, sabemos, também, que não agradou a «gregos e troianos» a distribuição das casas, embora alguns desprotegidos tenham sido contemplados. Faltam ainda muitas mais habitações, apesar de haver recusa de arrendamento por alguns proprietários daquelas que estão fechadas. Compreende-se. Um andar fica muito caro e não compensa o dinheiro investido. Hoje é um mau investimento o arrendamento de um andar ou casa. Sendo assim estando «as coisas neste pé» como pensa a Junta minimizar esta situação?*

P.J. — A autarquia municipal, de acordo com a Junta, adquiriu 20.000 metros quadrados de terreno, no valor de 40 milhões de escudos, no Caldeirão, entre o rio e o pinhal, numa zona despoluída e sossegada. Fez-se o estudo urbanístico desse espaço onde se situa a zona de habitação social que consta de uma área de lazer — zona verde —; parque infantil; poli-desportivo descoberto; terreno cativo para uma futura construção de apoio à infância; vinte e quatro espaços para casas a construir; sessenta e nove apartamento; praça pública e garagens. Neste momento — Janeiro — já se encontram à venda os terrenos para habitação unifamiliar em banda e geminada. Durante este mês — Janeiro — os concursantes e interessados — já saberão o terreno onde construir a sua habitação, num prazo de dois anos, com projecto fornecido gratuitamente pela Câmara e isenção de pagamento de licenças de cons-

trução. A habitação social — os apartamentos — terá início ainda este ano de 92 para venda a preços controlados, com possibilidade de empréstimo bancário.

N.F. — *Senhor Presidente, Fão está esventrado, escavacado, esburacado. Já lhes chamam a Junta toupeira. Não há rua nem praca que não veja as máquinas a abrir canais para tubos, cabos e outras coisas mais. Aqui e ali uma obra municipal. Até onde vamos?*

P.J. — Para remodelar, para substituir o transporte da água, houve necessidade de abrir e fechar gagueiras num espaço de tempo muito curto. A rede de água estava antiquada e danificada⁽¹⁾. Não podia esperar. Para tirarmos benefícios de uma melhor distribuição da água e sem arrelias, sobretudo no Verão, houve necessidade de obrigar a população a este pequeno sacrifício que o Inverno seco minimizou. É uma obra muito dispendiosa e indispensável mas que não se vê.

Mas já fizemos muito mais. E cito-lhe as mais importantes.

OBRAS

— Arranjo de um caminho nas Pedreiras — Padre Chaves; remodelação de todo o murete e construção do passeio da Alameda do Bom Jesus, a granito, para se enquadrar com o murete do adro; transformou-se radicalmente o caminho das Rodas, de acesso à praia, com paralelo e passeio para peões; alargou-se e calcetou-se a paralelo a Travesa capitão Larcher, permitindo uma variante de saída aos utentes daquela zona e mesmo da praia e para a praia; urbanizou-se — está em vias de conclusão — o estaleiro pequeno e o grande, facilitando o acesso à praia fluvial, muito apetecida por pescadores desportistas e provas náuticas como já tem acontecido; fizemos o túnel ou viaduto que atravessou a Avenida da praia — Avenida António Veiga — e liga o Estaleiro ao Caminho das Rodas, facilitando o acesso ao centro de Fão e deste ao Banco, ao Centro

Cultural e à nova zona urbanística a nascer quer nas Rodas quer na tomadia dos Bordas. Nestes investimentos e não foram poucos gastaram-se alguns milhares de contos. Transformou-se o futuro mercado em Centro Cultural; está em construção o Clube Náutico com a instalação à altura de um clube internacional; a primeira fase da Pousada da Juventude está pronta. Já se vê como ficará o edifício e os «contestatários» acabaram por aceitar que é uma obra de grande valor económico. Além disso, o edifício é bonito e bem enquadrado no espaço envolvente. Ainda durante este ano, terá início a construção do Pavilhão Gimnodesportivo a sul do Campo de Futebol — Artur Sobral, para o qual já foi adquirido o terreno.

Nestes empreendimentos serão investidos mais de meio milhão de contos. É preciso esclarecer que as verbas dispendidas não são apenas da Câmara mas também do Orçamento do Estado.

N.F. — *Estas obras já se vêem. Estão já realizadas como os esqueletos testemunham o seu «nascimento». E daqui para diante? Os fangueiros querem mais.*

P.J. — Para além destas realizações que todos consideramos de vulto e apoiadas pelos fangueiros, de um modo geral, contestação, procuramos incentivar os proprietários das habitações e zonas adjacentes, no coração de Fão — parte velha — a caiar e pintar de cor branca todos os edifícios. Estamos em conversação com a Área de Paisagem Protegida para a construção de um Circuito de Manutenção na antiga Junqueira, onde já foram plantadas algumas dezenas de árvores; construção de uma pista de skate e campos de ténis, para além do campo de futebol que já lá existe; facilitaremos o arranjo para acesso pedonal ao rio, aos pescadores desportivos; prevemos arranjar a zona envolvente da Capela da Bonança e recuperar o «Facho» que está degradado; vai ser arborizada toda a zona do Estaleiro e Rodas, logo que as obras acabem; está a ser elaborado um projecto entre o Instituto da Juventude e a Direcção Geral dos Desporto para a construção de um Centro de Estágio de Desportos Náuticos, abrindo um canal de navegação entre o Cortinhal e o Rego do Martinho; serão construídos campos de ténis e piscina descoberta nos terrenos envolventes à Pousada da Juventude e noutros conquistados ao rio.

(Continua na pág. 11)



Lançamento da 1.ª pedra da Pousada da Juventude. (Da esq. para a dir.) Senhor Governador Civil, Presidente da Junta, Senhor Ministro da Educação actual. Na altura era Ministro dos Assuntos Parlamentares



MÓVEL ZENDE

Indústria e Comércio de Móveis, Limitada

FONTEBOA — 4740 ESPOSENDE

FABRICO ESPECIALIZADO DE

- ☆ SALAS DE BANHO LACADAS
- ☆ COZINHAS LACADAS OU EM MADEIRAS
- ☆ MÓVEIS POR DESENHO

QUALIDADE E BOM GOSTO

SOL/92

PROTEJA OS SEUS OLHOS, USE ÓCULOS DE SOL TODO O ANO

**NOVAS E VARIADAS COLECCÕES
VISITE AS NOSSAS EXPOSIÇÕES**

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA
(Consultas gratuitas)

SEDE: RUA DA MISERICÓRDIA, 6 - 12 — TELEF. 75777
FILIAL: C. C. GRANJINHOS, LOJA 518 - PISO 2 — TELEF. 612933

4700 BRAGA

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Últimos resultados: Fão, 2 - Esporões, 0; Laguense, 0 - Fão, 1; Fão, 1 - Águias da Graça, 0; Viatodos, 0 - Fão, 0; Fão, 0 - Antas, 0.

Mesmo com dois empates nos últimos jogos (não é preciso lembrar que foi alcançado fora), o Fão tem conseguido resultados muito positivos à mistura com boas exibições, o que leva a supor que o mau tempo já passou e, que o futuro será mais sosegado, tendo em conta a classificação actual. Se nos recordarmos que a nossa equipa andou toda a primeira volta no último lugar, mesmo com os resultados positivos dos últimos jogos, ainda não basta para um desafio. No entanto já desapareceu a mala-pata que a todos atormentava e assim já vencemos tudo e todos. Quase foi assim. Em 14 jogos disputados, sofremos uma única derrota. Foi nas Marinhas no confronto com o primeiro. O Marinhas que a partir desta altura já pode receber felicitações de toda a gente pois a quatro jornadas do fim já é o virtual campeão da Série A.

Quanto à equipa fangueira, depois de tudo o que passou, só desejamos que nesta ponta final consiga os pontos necessários para uma maior tranquilidade.

Se já acreditávamos no seu êxito durante tempos difíceis, por que não vamos acreditar agora? E nem vamos aceitar a ideia de que a equipa vai render menos com a saída desse excelente jogador que é o Manuel Carlos, que voltou à sua vida de trabalhador emigrante na Suíça. Boa sorte.

CANOAGEM

Primeiro uma rectificação: Em Vila Nova de Cerveira disputou-se o Campeonato Regional de Promessas, e não de Homens como vinha no último número. A participação no Náutico de Fão foi muito positiva. As classificações também não vinham muito esclarecidas, já que, o texto devia fazer referência a duas provas distintas e vinha todo misturado. Também o texto sobre futebol não estava completo. E por isso, vinha pouco esclarecedor. Não queremos as desculpas, senão para os assinantes do Novo Fangueiro e principalmente para os que se interessam pelo desporto.

CAMPEONATO REGIONAL DE FUNDO

Em Prado, disputou-se mais uma prova canoista a nível regional onde o clube teve uma boa participação.

Resultados: K1, 5.000 metros cadetes — 1.º, Miguel Pedras; 2.º, Pedro Silva; 4.º, João Filipe Santos; 6.º, José Serra.

Nos 10.000 metros K1 seniores: 3.º, Luis Faria; 4.º, Luis Sousa; 6.º, Lázaro Penetra; 10.º, Emílio Araújo; 15.º, António Roxo; 16.º, António Ferreira.

5.000 metros K1 infantis: 4.º, João de Jesus; 5.º, Luis Coelho.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUNDO

Coimbra foi palco deste excelente campeonato. O Mondego encheu-se de canoas. Mais de 40 clubes estiveram presentes, e cerca de 300 canoistas deram o máximo para que as suas equipas ficassem bem classificadas na geral colectiva, na qual, o Clube Náutico de Fão conseguiu o 3.º lugar.

A fina flor da canoagem portuguesa esteve presente com os Olímpicos a tentarem tudo por tudo para poderem dar uma ideia aos espectadores mais atentos a este desporto sobre as possibilidades portuguesas nos próximos Jogos Olímpicos de Barcelona.

O nosso campeão Belmiro Penetra não esteve no seu melhor, mas isso compreende-se devido ao tempo de paragem devido à operação a que foi sujeito. Levará tempo para atingir a forma ideal para as grandes provas e demonstrar novamente o seu real valor. Acreditamos que isso vai acontecer pois Belmiro Penetra tem o espírito de sacrifício e força de um campeão.

As classificações individuais dos nossos canoístas foram as seguintes:

Cadetes K1 — 3.º, Miguel Pedras; 10.º, Pedro Silva; 13.º, João Filipe Santo; 19.º, José Serra; 22.º, João Ferreira.

1.º lugar para o canoista da equipa de Mértola.

Seniores K1 — 8.º, Belmiro Penetra; 10.º, Luis Sousa; 14.º, Luis Faria; 24.º, Lázaro Penetra.

1.º lugar para o canoista da equipa de Águeda. O Campeão Nacional José Garcia foi o 2.º classificado.

Seniores C1 — 2.º, Emílio Araújo; 4.º, Carlos Vieira.

1.º lugar para o canoista da equipa de Prado.

CANTIGA DE ESCÂRNEO

*Aquela princesa de coroa de sonbos
já se descalçou
perdeu o seu dote perdeu o seu manto
e em trapos restou
dos seus grandes ares voou a arrogância
nada mais ficou
suas boas falas suas lindas tranças
também já cortou
os seus dedos finos ornados de anéis
no chão enterrou
partiram-se as unhas perderam-se as jóias
e as faces mudou
vlu pedra por pedra ruir o castelo
nem sequer cborou
seus olbos de musgo com belas paisagens
para sempre fechou
e as pernas de finas roupagens
pela terra arrastou
a boca calada através dos tempos
enfim descerrou
e num grito imenso de triste impotência
ergueu a cabeça
e a coroa tombou*

ODETE PYROTO

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE FÃO

(Continuado da pág. 16)

Ha nelle varias pescarias de lampreias — Tainhas — solhas, que tudo entra nas Mares pela Barra dentro, vindo do Mar. Toda a Pescaria he livre, e em todo o tempo, menos desde o princípio de Janeyro ate dia de Paschoa, no qual tempo so a Serenissima Caza de Bragança pode mandar pescar com redes atrancando? Todo para se pescarem lampreias, salmoens, e tris, que tudo vem do Mar.

As sua Margens em parte se cultivam, e em parte nam, e sam menos, as que se nam cultivam, e tem muito aruoredo pela serra dentro, e nenhum de frutos, porque todo sylvestre.

As suas Agoas nenhua particularidade tem. Conserua sempre o mesmo nome, e nam consta que nunca o mudase.

Recolhese no Mar Oceano bem perto da villa de Espozende.

Tem muitas assudes; e tres logo ao pe da Villa de Barcellos, distantes desta freguezia duas legoas, e outra na freguezia de Areas, e nam tem cachoeira alguma.

Tem tres pontes de cantaria: a de Barcellos — a de Villa de Prado — e da Ponte do Porto.

Em todas as sobreditas assudes tem Azenhas, e nos princípios deste Rio tem muitos Moinhos.

Nam consta que em tempo algum de suas Areas se tirase Ouro.

Nam consta, que das suas Agoas se pague pençam alguma, em rezam de com-ellas se regarem os campos delle vizinhos.

tem o Rio desde o seu nascimento ate se-meter no Mar doze legoas, que passa pelas freguezias de Bouro — Rio Caldo — Fonte do Porto — Amares — Bao de Bico — Prado — Soutello — Villar de Frades — Barcellos — Prelhal — Gemezes — Fonteboa — Fam — e Esposende. E não há mais couza memorauel.

Esta he a informaçam, que achey e tirey, nesta freguezia de Sampaio de Fam.

Eu Miguel Rodrigues Aluares Parocho Vigario della, com dous Parochos uizinhos o reuerendo Manoel Velho da Costa Vigario da Villa de Esposende; e o reuerendo Manoel Vleyra da Rocha vigario de Sam Martinho de Gandra, na forma da Ordem que recebi, e por uerdade assignaram comigo. Sampayo de Fam 23 de Mayo de 1758.

(Seguem as assinaturas dos párocos de Fão, Esposende e Apúlia — e não de Gandra como se diz acima).

NOTAS

¹ O P.e Ângelo Sequeira, de nacionalidade brasileira, foi aluno dos Jesuítas e formou-se em direito. Tendo exercido advocacia com grande brilho, abandonou o foro, ao que parece após um caso público e ingressou na Companhia de Jesus, e, depois de se desfazer da vasta fortuna, iniciou, no nosso país — para onde emigrou — e em Espanha a sua acção missionária.

Era grande a sua devoção por Nossa Senhora da Lapa, pois, como se vê na memória de Esposende, oferecia imagens da Senhora, construía ermidas, como em Fão e na região de Guimarães. Depois de regressar ao Brasil fundou em S. Paulo o seminário de N. S.ª da Lapa. Entre obras que deu a público, figura uma com o título de *Botica preciosa e tesouro precioso da Lapa, em que como em botica e tesouro se acabam todos os remédios para o corpo, para a alma e para a vida*, etc.

Título barroco, sem dúvida, mas em que se manifesta, mais uma vez o seu apego à Senhora da Lapa! (V. *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*).

² A palavra é de difícil leitura. Supomos que se quer referir ao *Priscilianismo*.

³ Como se vê, a ideia, acerrimamente defendida pelo P.e Chaves — o Chaves Coupon — neste século, já vinha de longe.

⁴ Por *Celano*, certamente.

OS ANJOS DA GUARDA DE FÃO

Elas são uns amores. Mas elas quem? Vamos identificá-las: **Maria Helena Vasconcelos Roxo** — 10 anos — 1.º ano do Ciclo Preparatório — Directora; **Maria João de Carvalho Matos** — 10 anos — 1.º ano do Ciclo Preparatório — Sub-Directora; **Ana Cristina de Carvalho Matos** — 12 anos — 7.º ano do Ensino Secundário — Secretária de Direcção; **Cátia Cristina Reis Simões Pereira** — 10 anos — 1.º ano do Ciclo Preparatório — Tesoureira; **Sílvia Melissa Mendanha Vaz** — 11 anos — 1.º ano do Ciclo Preparatório — Repórter; **Ana Cristina Campos Ribeiro** — 11 anos — 1.º ano do Ciclo Preparatório — Representante.

Mas quem é esta gente? São os anjos da guarda do mundo ameaçado pela poluição. Por acaso moram na vila fangueira. Já leram que o universo, o mundo, a vida têm tendência para morrer. Sabem que o «efeito estufa» vai acabar por ser fatal para a vida animal e até vegetal. Por isso constituíram-se em grupo, organizaram-se, e com todo o entusiasmo da sua idade juvenil, com toda a pureza que ainda não encontrou maldade, com a vontade de afastar esse espectro terrível que ameaça todo o ser vivente, resolveram lutar a bem da vida.



Maria Helena Roxo

Já tínhamos ouvido falar nelas. Encantámo-nos com a sua iniciativa e ficamos tremendamente satisfeitos ao constatar que estas gurizinhas representam a expressão daquilo que se pode chamar a iniciativa e a prioridade fangueiras, desta vez não viradas para as cantorias, para os teatros, para as festas, mas para uma coisa muito séria: salvar o mundo.

Por isso quisemos conviver com elas na sua sede (sim já têm uma sede!) quisemos auscultá-las, apreender os seus anseios, viver com elas a preocupação que as aflige.

Nós só vimos e fotografámos seis, mas elas são mais: no grupo faltaram **Elsa Inês Dias Pereira** — 11 anos — 1.º ano do Ciclo Preparatório — Secretária da Directora e **Ana Mafalda Oliveira Carreira Mendanha Silva** — 12 anos —



Maria João Matos

2.º ano do Ciclo Preparatório — Repórter.

E a primeira pergunta impunha-se naturalmente:

— Como surgiu a ideia de criar este Grupo?

Responde-nos a Cátia:

— **Eu e umas colegas minhas tínhamos formado outro grupo com a mesma finalidade deste: salvar a natureza, atacar a poluição; mas a coisa não deu, havia gente que não colaborava, que não aparecia e então nós tivemos que escolher outros parceiros, formar outro grupo com os mesmos objectivos.**

— Falaste em Nós. Quem são?

— **Eu e a Lenita.**

— E quais são esses objectivos? Não precisámos de respostas. Eles estavam bem impressas num papel colado a uma coluna:

— **Defender as espécies animais que estão em vias de extinção.**

— **Tentar reduzir a poluição do ambiente.**

— **Discutir a vida, habitação, alimentação, reprodução, tácticas de caça e de fogo.**

— **Fazer ver às pessoas que as plantas e os animais são nossos amigos.**

Daí a sua designação específica: Grupo dos Defensores.



Ana Cristina Matos

— E esse grupo primeiro já tinha sede? Responde-nos a Maria João:

— **Tínhamos. Era uma garagem que pertencia à casa onde habitávamos. Nós éramos então cinco. Agora somos oito.**

— E agora, tendes sede para reunir?

Continua a Maria João:

— **Temos, sim. É aqui no edifício perto das novas escolas numa sala que nos foi emprestada pela mãe da Directora Helena. (Leninha p'ros amigos).**

— Há quanto tempo estão formadas?

Responde a Helena:

— **Estamos formadas desde Janeiro.**

— Constatos que não há rapazes...

Ainda a Helena:

— **Os rapazes que a gente conhece e que convidou para entrar não aceitaram porque a maior parte eram raparigas.**

E acrescenta a Maria João:

— **Os rapazes eram muito acanhados e envergonhados. Quer saber o nome deles? Foram o Rodolfo do Vale e o Gonçalo.**



Elsa Inês Pereira

— O grupo está bem organizado?

Sílvia Melissa:

— **Formamos uma direcção através de votos. Temos uma Directora, uma Sub-Directora, uma Tesoureira, uma Representante, uma Secretária de Direcção e Secretária da Directora.**

A Ana Cristina completa a informação:

— **É verdade que temos funções próprias, mas no fundo trabalhamos como um todo. Quando tomamos uma decisão fazemo-la por unanimidade.**

— Quem foi que estabeleceu os objectivos?

Respondem todas à uma:

— **Foi a Ana Mafalda.**

Adianta a Ana Cristina:

— **Também temos sócios e benfeitores. Sócios são aqueles que recebem, ou melhor, vão passar a**



Ana Mafalda Mendanha

receber o jornal que estamos a fazer e que vai ser mensal. Sairá brevemente. Pagam 100\$00 por mês.

— Pode saber-se quem são os benfeitores?

— São o dr. Manuel João Oliveira Carvalho Matos que contribuiu com os cartões para sócios (diga-se, na verdade, que são cartões bem apresentados) e Maria Helena Roxo que pôs à nossa disposição uma sala e algum material.

— Fazeis reuniões?

Responde a Ana Cristina Campos Ribeiro:

— Temos reuniões todos os sábados.

— E aparecem todas?

— Quase todas.

Explica a Maria João:

— Não quer dizer que nos reunamos todos os sábados. Há com efeito, dias em que não é possível reunir por motivos especiais.

— Neste momento o que fazem?

— Estamos a elaborar o jornal e a preparar cartazes e panfletos.

— Mas é preciso dinheiro. Como é?

Maria João:

— A gente precisa de dinheiro, mas os sócios dão-nos algum para o jornal e desse servimo-nos para o que for necessário.

— Como é que a freguesia tem reagido à vossa iniciativa de formar este grupo?

Cátia:

— A maior parte da freguesia ainda não tomou contacto connosco mas nós estamos confiantes que tan-



Sílvia Melina Mendanha

to «O Novo Fanguero» como o nosso jornal vão dar uma ajuda preciosa.

— O que pensam fazer em relação ao ambiente?

Cátia:

— Já fizemos uma recolha de lixo. Já arranjámos sacos e o dr. Carvalho forneceu-nos 8 pares de luvas.

— Por onde andaram?

— Na rua de St.º António e na rua das Rodas.

— Faço-vos uma proposta: vão ter com o sr. presidente da Câmara e combinem com ele receberem 100\$00 por cada saco de lixo recolhido. Que acham?

Responde a Ana Cristina Matos:

— Nós já pensamos falar com ele para nos ajudar na campanha autorizando-nos a colar cartazes nas paredes, mas nada ficou decidido.

— Como estão a reagir os vossos vizinhos?

Respondem todas:

— Estão a reagir o melhor possível. Todos os nossos familiares estão encantados com a nossa ideia.

— O vosso grupo é para continuar ou isto não passa de um entusiasmo juvenil?

Ana Cristina Campos Ribeiro com firmeza:

— É para continuar.

E Cátia:

— Talvez ao princípio fosse mais para entreter, para ocupar os tempos livres, mas agora estamos interessadas a valer.

— Mas por que é que os vossos colegas não entram no grupo?

— Porque ainda não tomaram conhecimento da nossa realidade.

Maria João, malandramente:

— Quando as pessoas lerem o jornal até vão fazer bicha para entrar no grupo.

— Não será presunção?

— Ao menos deixem-me sonhar!...

Não sabemos onde já ouvimos isto. E outra pergunta lhes foi feita.

— Vocês sabem que o mundo está a morrer?

Ana Cristina Campos Ribeiro, sem se admirar com a pergunta:

— Sabemos sim, senhor, e vamos lutar contra isso.

— O que pensam fazer pelo rio?

— Quando virmos alguém a sujar o rio, atirámo-lo à água.

— Como pensam convencer as pessoas a não conspirarem o ambiente?

— Vamos falar com elas e convencê-las para que não façam isso.

— Acham que o povo de Fão é pouco limpo?

Resposta (inteligente) da Cátia:

— Em geral as pessoas não se preocupam com os problemas da poluição.

— Bem para que todo o mundo saiba quem os ajuda, digam-me os nomes dos vossos sócios.

— Maria de Lurdes Carvalho de



Ana Cristina Ribeiro

Matos, Edgardo Manuel Carvalho de Matos, Luísa Maria Carvalho de Matos, Pedro Manuel Carvalho de Matos, Adelino Carreira, Carmen Maria Mendanha, Maria Helena Rocha, Maria Cristina Carvalho de Matos e Manuel João Carvalho de Matos.

Boa sorte, moçada. Será que a vossa (a nova vaga) poderá ainda salvar o ambiente? Sobretudo não desistam.



Cátia Cristina Pereira

BODAS DE OURO

No próximo número diremos como correram as bodas de ouro do nosso amigo Amândio Caramalho e de sua esposa Alésia Caramalho.



ANÍBAL CABELEIREIROS

HAIRDRESSER • COIFFEUR

- Manicure
- Pedicure
- Tratamento Capilar
- Depilação
- Maquilhagem

TELEF. 962419

LARGO CONDE DE AGROLONGO

FÃO



UM DIA...
P'RA SEMPRE.

OURIVESARIA DONAL

AV. MANUEL PAIS

FÃO

PASTELARIA
CONFEITARIA

PÃ-PÃ

DOCE REGIONAL
FABRICO DIÁRIO

TELEF. 981319

FÃO

BREVEMENTE

PÃ-PÃ 2

CASA PENETRA

- ☆ FERRAGENS
- ☆ TINTAS
- ☆ LOUÇAS
- ☆ VIDROS

TELEF. 981301

R. PROF. PIO RODRIGUES

FÃO

ANTÓNIO MORAIS GOMES

FABRICANTE DE CARTEIRAS
PORTA MOEDAS

TELEF. 981350

LARGO MANUEL MAGALHÃES

4740 FÃO

COZINHA TÍPICA E CASEIRA
DOCE REGIONAL
MARISCOS
SERVIÇO À LISTA

RITA FANGUEIRA

DE J. LIMA & C.^a, LDA.

RESTAURANTE — SNACK-BAR — MINI-MERCADO

TELEF. 981442

R. AZEVEDO COUTINHO, 23

FÃO

CARDOSOS HOTELARIA & TURISMO, LDA.

RESTAURANTE CONCHINHA
MARISCOS — SNACK — CAFETARIA

PUB ZUL
PIZZAS — HAMBURGER'S
CROISSANTS — CREHES — SNACK

BAR DE FÃO
RESTAURANTE — CHURRASCARIA

ESPLANADA
(Totalmente remodelado — entra em funcionamento a partir de Junho)

UM ELEMENTO DA COMISSÃO, ZÉ ARTUR (COMO PODERIA SER QUALQUER OUTRO), FALA-NOS DAS FESTAS

Quem é o responsável ou quem são os responsáveis dos festejos actuais do senhor de Fão?

São muitos, são os mesmos do ano passado. Somos mais de cinquenta e mais todo o povo de Fão.

NÃO AO CABECILHA

— Mas não há um cabeçã?

— Rigorosamente não há um cabecilha. Somos um grupo, não rigorosamente fixo que já se abalançou à realização das Festas o ano passado e que por isso mesmo ficou com algum traquejo. Estão lá elementos da Junta, dos Bombeiros e também das Escolas. As decisões são tomadas por maioria, mas em alguns casos pontuais, apenas uma meia dúzia de pessoas ou menos se responsabiliza por certas medidas adoptadas. Não há um chefe. Existem, sim, vários chefes.

MENU

— Quais são os pratos fortes do programa?

— Estava em nosso primitivo plano realizar um cortejo alusivo aos Descobrimentos. Aconteceu, porém, que depois de vários estudos e contactos, apercebemo-nos que a concretização da nossa ideia ultrapassaria os 2 mil contos, para se fazer uma coisa bem feita. Isso fez-nos sobrestar e então decidimos por um cortejo etnográfico que poderá equivaler àquele cortejo que se realizou em 1976, aquando da elevação de Fão a vila.

Teremos ainda um espectáculo laser que será abrilhantado por conjunto musical (o inverso também é admissível. Deve dizer-se que é a segunda vez que há um espectáculo desta natureza no meio do rio. O primeiro foi efectuado o ano passado também em Fão. Este ano a cachoeira ocupará a ponte em toda a sua extensão. Pretendemos também durante o período das festas ocupar os baixos da antiga casa dos Banhistas de Fão para uma mostra de artesanato de vários concelhos.

IR MAIS ALÉM

Para tornar a festa extensiva a toda a vila de Fão, teremos conjuntos e arratal nas pedreiras e no Ramalhão.

Uma das coisas que achamos muito importante (e talvez seja um modo de sensibilizar as pessoas de Fão) será iluminar o chalet da entrada de Fão e o do Largo Ave-lino Pires Carneiros.

Entre os grupos musicais que nos visitarão, conta-se um conjunto proveniente do Equador. Não vieram de propósito tocar a Fão (andam em tournée) e por isso foi possível chamá-los cá.

O ETERNO RETORNO

De resto são os números do ano passado: duas bandas de música, passagem de modelos, as marchas, os Zés Pereiras, largada de pombos e festival de aeromedelismo, etc.

— Quanto pensam gastar?
— Nós apontamos para os 4 mil contos.
— Sua proveniência?
— Saldo do ano anterior, as Janeiras, pedatório na freguesia, dádivas de amigos de Fão, publicidade e outras receitas próprias das festas.
— Da Câmara, nada?
— Haverá o subsídio normal: cerca de 300 contos. E ainda deste organismo poderemos dispor um pouco do pessoal trabalhador da Câmara.
— O povo de Fão tem correspondido? A melhor resposta para essa pergunta é que sem a ajuda da população, e apesar do nos-

so trabalho, não se atingiu o nível que as festas tiveram o ano passado nem o nível que pensamos atingir este ano.

— A Pousada da Juventude, quer dizer, a sua localização, não veio diminuir o nível que vocês pensam atingir?

— Achamos que não. Mas a prova disso será dada no fim das festas. Haverá espaço para os célebres carrinhos, carroceis, etc., sem estragar o terreno ou os jardins da Alameda. O único senão residiu no factor da rua que irá ligar a Alameda ao rio não ter sido executada no tempo previsto. A ligação actual é apenas provisória mas haverá espaço suficiente para essas diversões.

AS NOSSAS ENTREVISTAS

(Continuado da pág. 5)

LUZ PÚBLICA

Estamos a substituir os pontos de luz pública por novos candeeiros, condizentes com o medievalismo da urbe fangueira; prevê-se o arranjo do adro da Igreja Matriz e da zona envolvente, para breve; vamos arranjar algumas «vielãs» da zona antiga que passarão apenas a «zona pedonal».

N.F. — *Nem só de pão vive o homem. Obras de pedra e cal não são um facto. Só não vê quem não quer. E a cultura?*

P.J. — *As noites de Verão vão ser mais animadas. Temos um projecto interessante; patrocinaremos várias actividades culturais e recreativas a levar a cabo pelo e no Centro Cultural, a inaugurar brevemente, nas Rodas; damos apoio às Escolas e ao Infantário; cedemos instalações na Amorim Campos à Forpescas e a secção Colombófila de Fão; apoiámos a criação de Bolsas de Estudo para estudantes carenciados que são atribuídas pela Câmara Municipal; apoiámos os clubes locais sempre que nos pedem o nosso auxílio e intervenção.*

N.F. — *Emprego - Industrialização - Turismo. O que poderá fazer a Junta de Freguesia?*

P.J. — *Enquanto não estiver localizada a zona industrial, não podemos falar de novas indústrias a instalar em Fão. É preciso ter muito cuidado para não acontecer que nasça uma fábrica em zona residencial. No entanto, nós daremos todo o apoio a investimentos com finalidade turística, para a qual a nossa terra está vocacionada, mas não investiremos. Uma junta não se mete nesses negócios. Esperamos que entidades particulares o façam, com o nosso apoio, até onde for possível (2). Comprou-se um tractor limpa-praias e vigiamos para que a limpeza se faça; fizemos pequenos investimentos no arranjo de acessos à praia, quer fixos, quer móveis e os banheiros serão apetrechados com pequenos limpa-praias.*

A Junta dará total e incondicional apoio à construção do novo Quartel do Bombeiros do qual já há a planta e respectiva maquete.

(1) Foi ampliada a rede de água e saneamento em centenas de metros.

(2) Neste momento está a nascer uma nova empresa turística, no pinhal de Fão, na antiga cavalaria. Serão investidos cerca de quinhentos mil contos. Mais empregos, mais turistas, mais animação. Única atracção no género, no país!

«FARIA & NASCIMENTO, LIMITADA.»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE — N.º de Matrícula 00079 — N.º de Identificação de Pessoa Colectiva 500 601 992 — N.º de inscrição 00004 — N.º e data de apresentação 03 de 92/04/03

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi alterado o contrato de sociedade em epígrafe, quanto aos artigos 2.º e 5.º, os quais ficaram com a seguinte redacção:

Artigo 2.º — O seu objecto consiste no exercício de POSTO DE ABASTECIMENTO DE COMBUSTÍVEIS.

Artigo 5.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução e remunerada ou não conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica afecta a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes.

PÁRÁGRAFO PRIMEIRO — Os documentos de simples e mero expediente poderão ser assinados por qualquer um dos gerentes; porém, aqueles que envolvam obrigações ou responsabilidades para a sociedade, tais como contratos, letras, livranças cheques e semelhantes, só terão validade quando assinados por dois sócios em conjunto, sendo sempre obrigatória a assinatura dos gerentes MANUEL DE JESUS NASCIMENTO JUNIOR ou MARIA AMÉLIA MATOS DE FARIA, com a assinatura de qualquer um dos outros gerentes.

O texto completo do contrato, na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

Conservatória do Registo Comercial de Esposende, aos 10 de Abril de 1992.

A Conservadora Destacada,
 a) Maria do Céu Neiva Portela



GARAGEM DE FÃO

- SERVIÇO DE CHAPEIRO, PINTURA E MECÂNICA
- PRONTO-SOCORRO PERMANENTE
- AUTOMÓVEIS DE ALUGUER COM E SEM CONDUTOR
- DEPARTAMENTO DE TURISMO

AV. S. JANUÁRIO 10 - 12
TELEF. 981753 - 982413 — FAX 982418

FÃO

TALHO NOGUEIRA

DE

ÁLVARO VASCONCELOS VALENTIM

*CARNES DE BOI
VITELA
PORCO
E CABRITO*

FÃO — 4740 ESPOSENDE — TELEF. 961411

BINO GRÁFICA
TIPOGRAFIA - OFFSET
Albino Baptista de Lima, L.da

PRAÇA JOÃO XXIII
TELEFONE, 684318
4490 PÓVOA DE VARZIM

DOS MOTIVOS QUE LEVAM AS PESSOAS POR ESTE OU AQUELE CAMINHO... OU A EXCELÊNCIA DE QUATRO HOMENS BONS

Apenas algumas palavras referidas à actuação de António José da Costa Leme, como Presidente da Câmara Municipal de Esposende.

Um dia, em viagem de trabalho ao Porto, dirigi-me a casa do saudoso Valentim Ribeiro da Fonseca. Para podermos avaliar criteriosamente o valor da sua opinião, devo dizer que ele foi Presidente da Câmara Municipal de Esposende, (sua terra natal) e que após o falecimento de seu pai, grande benemérito de Esposende, foi ele quem o substituiu na Provedoria do Hospital que tem o nome do Benemérito Valentim Ribeiro.

Depois de algumas considerações feitas à nossa terra e ao seu desenvolvimento, diz não ter dúvidas que Costa Leme há muito tempo seria Ministro, atendendo a seus dotes de inteligência e seu dinamismo. Mas o dr. Salazar, entendia (erradamente) que só têm valor as pessoas formadas. Era uma opinião.

MAU AUGÚRIO

«Costa Leme tem boas ideias mesmo quando contraria a minha opinião e tem na Câmara quem se opõe mas desta vez, meteu o pé na poça... Vamos ter, em Esposende, feira o que julgo ser por pouco tempo...»

Quem assim me falava era o meu querido amigo Padre Manuel de Sá Pereira, Presidente da Câmara, porque nessa ocasião, Costa Leme ainda era o seu Vice-Presidente. Decorridos alguns meses, verificou-se que a feira foi um grande sucesso!...

Esposende tem movimento, tem vida!... Portanto esse grande melhoramento deve-se a Costa Leme ainda como Vice-Presidente da Câmara. Depois, e já como Presidente, conseguiu água encaçada para Fão e Apúlia.

Julgo que foi na sua gerência que se deu o alargamento da Vila com a nova estrada a poente da mesma. Também o arranjo que se verifica a sul onde se encontra o bairro relevo do então Ministro A. O. e que faz ligação com a avenida que finaliza na praia.

No turismo deu preciosa colaboração...

Tenho para cada Presidente uma história para contar...

Eram duas horas da madrugada. Estava juntamente com o segundo secretário (Américo Sariva) a ultimar umas contas na sede dos Bombeiros Voluntários de Fão. Alguém subia as escadas... ambos levantámos a cabeça para conhecer o intruso.

— Então ainda a esta hora a trabalhar?... — diz-nos o dr. Barrote. Era ele quem entrava.

— Temos que mandar estas contas para Braga — Respondei.

— Oh senhor Agonia; vai ser agora que lhe vou fazer uma pergunta que há perto de um ano estou para lhe fazer —: O Costa Leme disse-me que lhe perguntou como soube que o dr. Alceu ia ser preso... E que você lhe respondeu que recebeu um telefonema da D. Elvira a dizer precisamente isso...

— É verdade; o Presidente da Câmara não mentiu!... mas Elvira há muitas em Fão... a minha mulher a sua Esposa, mas não foi nenhuma delas, mas sim a D. Elvira Silva, que viu da sua casa, a Guarda Republicana a tentar entrar em casa do Tenente Coronel Nogueira que era onde o dr. Alceu vivia... Agora sou obrigado a deduzir que o Presidente da União Nacional (Dr. Barrote), teve conhecimento do que se ia passar!... Eleições próximas e o receio do costume: O Dr. Alceu era do contral...

OUTRO PRESIDENTE

Carlos de Oliveira Martins é a personagem que vai preencher o espaço dos meus vinte anos, aos setenta e quatro. Era bastante jovem quando apareceu em Esposende, para substituir o professor Alfredo Viana de Lima que tinha sido convidado para leccionar em Barcelos, na então recente, Escola Primária Superior.

Tarefa fácil se tornava para o novo professor cair nas boas graças das gentes de uma terra que primava e se orgulhava de bem saber receber. Por seu lado, bem que soube reconhecer e retribuir o fidalgo acolhimento que lhe tinham prestado e que saberia ficar em dúvida. Decorrido algum tempo, verificámos que ele era o Director das Escolas e Comandante dos Bombeiros Voluntários. Também com facilidade soube cativar amizades e entre elas a da Professora e prezada filha do grande poeta Álvaro Pinheiro com quem casou.

O meu relacionamento com Carlos Martins, nasce quando, no fim de um espectáculo, subiu ao palco e pediu para o levarem ao camarim onde me encontrava.

— Venha de lá esse abraço e não diga a ninguém que é amador... É profissional e dos bons...

— O ponto é um homem com muita prática e ajuda imenso os actores. O senhor que eu vim substituir adoeceu e um componente do nosso grupo cénico (Alcino Magalhães) indicou-me para substituir o doente.

Como os nossos caminhos eram um pouco diferentes, só bastante mais tarde nos tornámos a encontrar na sede dos Bombeiros.

Carlos Martins demonstrou-me estar seguro do meu currículo, principiando a desenrolar o novelo das minhas actividades extra profissionais.

BEM INFORMADO

— Estou informado que você entre os organizadores, foi o cérebro, jogador e capitão, do célebre grupo de futebol infantil de Esposende.

— Não é bem assim: Capitão e Presidente eram Henrique Pascoal Marinho e António Pascoal Marinho. Os dois irmãos deram equipamento e botas para todo o grupo. Eu era o vice-capitão e o meu irmão Joaquim João Pereira, o vice-presidente. Os jovens irmãos viviam no Porto onde o pai era grande industrial e só vinham a Esposende ao fim de semana.

— Como conseguiu que eles ocupassem esses cargos?...

— Eu passei parte da minha meninice e depois já moço, por casa dos meus padrinhos (António Ribeiro da Fonseca e irmã) e os pais deles eram tios dos meus padrinhos, juntando-se aos fins-de-semana e nas férias, no palacete da rua Direita que é dos pais dos meus padrinhos. Logo o meu relacionamento e amizade, explica a aceitação dos jovens naqueles cargos...

Agora que me despertou, eu revivo momentos inesquecíveis como aquele em que jogámos com o infantil do Futebol Clube do Porto e que ganhámos por três a um... Quase todos os jogadores do Esposende Sport Clube, vindos do infantil, estão a jogar em Barcelos, Póvoa e Porto. Laguna é um dos melhores jogadores do Boavista. Ainda outros nomes para mim inesquecíveis como Heitor Costa (o guarda-redes gigante) Saganito, Lino, o João de Freitas, Alexandre Sobral Torres, António Abreu, Neca Matos e irmão, Manuel Duarte, etc...

— Além do futebol, organiza bailes, serenatas, fez parte da Comissão que fundou o Clube Recrea-

tivo e não falemos nas beldades onde você é o menino bonito...

— Acredite que há muito exagero em todas essas qualidades se é que se lhe podem chamar... Decorrido algum tempo, casei com uma pequena de Fão, e para lá fui viver levando o mesmo espírito de ser prestável. Fiz logo parte do grupo cénico dirigido pelo incomparável (artista amador Ernestino Sacramento.) A seu pedido passei a fazer parte do grupo de futebol de Fão.

PASSAM-SE OS TEMPOS

Passaram bastantes anos, mas não perderei tempo a pensar quantos... Sei que durante eles fui obrigado a travar luta com trabalho por vezes superior às minhas forças sempre iluminado pelo facho da honestidade. Raríssimas vezes me encontrava com Carlos Martins. Mais tarde, nas festas dos Bombeiros de Esposende ou de Fão, tínhamos de nos encontrar quase obrigatoriamente por eu ser o Presidente dos Bombeiros de Fão, e ele ser Comandante dos Bombeiros de Esposende.

Tinha terminado de almoçar... batem à porta e nada me surpreendeu ser o Presidente da Câmara, Carlos Martins e o Pilar, empregado da Câmara e seu motorista. Disse-lhe que sabia ao que vinha porque com o mesmo fim tinha sido abordado pelo Vice-Presidente da Câmara Pinheiro Borda e os vereadores Manuel Silva e Cândido Vinha. Disse a todos que não.

— Tenha paciência; os motivos que você invoca não me convencem; o Prof. Marcelo é muito diferente do Dr. Salazar...

A MINHA IMPOSIÇÃO

— De qualquer maneira eu estou muito distante... por tal motivo vou propôr o seguinte: eu nunca assistirei a acto político na Câmara ou fora dela.

Agora vou dizer o que penso fazer em Fão, juntamente com os meus colaboradores, querendo saber até que ponto posso contar com a ajuda do Presidente da Câmara: Elevação de Fão a Vila, avenida à beira rio, alargamento de algumas ruas, calçamento da Avenida Dr. Manuel Pais, etc., etc...

— Pode contar comigo para tudo excepto a avenida à beira rio. Eu tenho medo das hidráulicas.

— Não tenho eu medo... será a primeira coisa que vou fazer. As hidráulicas ou os empregados que têm esta zona a seu cargo, não tem um mínimo de moral. Há quatrocentos anos que a beira rio é a lixeira de Fão e cemitério sem cobertura... Vá ali ao Cortinhal e veja se consegue lá estar alguns minutos para contar os gatos, cães, galinhas, coelhos, e até um porco, tudo morto...

Carlos Martins foi um homem sério. Cumpru com o que me prometeu. Não vou mencionar aqui tudo quanto foi realizado na sua gestão... Apenas salientar a sua acção como Presidente dos Bombeiros fazendo da sua corporação a melhor do Distrito de Braga.

Foi na sua presidência que se fez a captação da água do Marachão.

Dois melhoramentos de significado tão valiosos que farão com que os esposendenses e não só, se esqueçam do homem bom que foi o professor Carlos Oliveira Martins até porque quando deixou todas as suas actividades trouxe o que tinha levado ou talvez menos...

FESTA DO MARISCO

SEXTA-FEIRA, 1 DE MAIO DE 1992

A REALIZAR NA:

ESTALAGEM ZENDE

ESPOSENDE

JANTAR DANÇANTE • NOITE DE VARIEDADES • MUITA MÚSICA • ESPECTÁCULO E ANIMAÇÃO

COM A PARTICIPAÇÃO DE:

MILITA (cantora popular) — MARGARIDA FONSECA (cantora espanhola)**BAZAR DAS PRENDAS**

SUA LOJA DE OFERTAS

DE **RAFAEL MACIEL DE OLIVEIRA**

ARTIGOS DE QUALIDADE EM:

**BIJUTERIAS • PORCELANAS • CASQUINHAS • CRISTAIS • LINHOS
LENÇOS DE SEDA E OUTROS ARTIGOS DE DECORAÇÃO**

RUA AZEVEDO COUTINHO, 17

4740 FÃO

RESTAURANTE TÍPICO

A LAREIRAUMA NOITE N'A LAREIRA SERÁ UMA NOITE INESQUECÍVEL:
OUVE-SE O FADO, TRINAM GUITARRAS E DECLAMA-SE POESIA... ÀS VEZES.

TELEFONE 981588

FÃO

**PRONTO A VESTIR
GRUPO DE VESTIR OÁSIS**DE **MARIA ANGÉLICA MIRANDA**

LARGO COMANDANTE CARLOS MARTINS

ESPOSENDE

SAUDADES PELO P.e BORDA

No dia 6 de Abril, precisamente ao fazer um mês após a morte do nosso prestigiado conterrâneo P.e Manuel de Faria Borda, o Grupo Coral de Fão prestou-lhe uma singela mas significativa homenagem.

Houve uma concentração de pessoas junto à Misericórdia, concentração essa que depois seguiu para o cemitério, tendo sido colocada uma lápide no jazigo onde repousam os restos mortais do saudoso Padre Nené.

O sr. Prior de Fão referiu-se à figura do P.e Borda como músico e como sacerdote e em nome do Grupo Coral, Carlos Palma Rios leu o texto que publicamos a seguir:

Caros amigos:

Foi intenção do Grupo Coral de Fão prestar uma singela homenagem àquele que foi seu fundador e seu grande Mestre, o nosso querido Sr. Padre Borda.

E talvez sejamos a entidade mais vocacionada para este gesto, dado que fomos nós os herdeiros mais directos daquele legado valioso, que foi o fruto da sua mais instante dedicação nesta vida terrena, a música.

Foi o nosso Grupo Coral que mais mereceu a sua atenção ao ponto do sacrifício, mas sempre com a preocupação de atingir a perfeição, como perfeito era tudo o que fazia, ou não fosse para Deus.

Foi nosso penamento tornar esta participação mais extensiva, uma vez que foram tantas as amizades granjeadas ao longo da sua vida por esse país fora, mas isso seria exaustivamente penoso para nós e para tantos, porque ainda são passados poucos dias de tão custosa e, julgamos nós, tão inesperada separação.

Mesmo assim, neste Campo Santo, onde as mágoas se esbatem e os ressentimentos pessoais se dissipam, para dar lugar à tolerância e ao perdão, sobressaem as mais belas recordações dos que nos deixaram e, neste caso especial, foram tantas, como permuta o fervor dos nossos propósitos e o sentimento da nossa saudade, que exprime numa forma particular a amizade.

É pois, neste espírito de grande devoção conjuntamente com seus familiares, colabora-



dores, associações, entidades, representantes de coros, ex-alunos e outros amigos do Sr. Padre Borda, que hoje formamos um grande coro, que entoará, rezando, os louvores ao Senhor, para que tenha junto d'Ele a alma daquele que sempre viveu exaltando as Suas Glórias.

Falar do Sr. Padre Borda é difícil neste momento tão saudoso, em que as palavras seriam insuficientes para exprimir todos os seus méritos de insigne Mestre, virtuoso executante e inspiradíssimo compositor, para quem a arte sublime dos sons foi sua permanente dedicação e paixão.

Tantas foram as maravilhosas obras que nos deixou, com composições de grande magnificência e perfeição, que o enaltecera, assim como todos os que o escutaram e continuaram a cantar por este país fora.

Ainda ecoam nos nossos ouvidos os acordes imponentes do último cântico que nos dirigiu, o nosso tão famoso «Glória a Deus» e que, estamos certos, vai ficar gravado nos nossos corações para sempre, como um hino de esperança que entoaremos em seu louvor.

Permita Deus que ao nosso Grupo Coral fosse possível ser o percussor da sua belíssima obra, não com o brilhantismo de outra, mas com a sua inspiração, o seu toque peculiar e o seu estilo inconfundível, como forma de o perpetuarmos, de acordo com os seus merecimentos, a sua memória.

O Sr. Padre Borda foi, ao que sabemos, o último da geração grandiosa de sacerdotes, que bem merecem ser recordados. Por isso,

esta Terra de Fão deverão sentir-se orgulhosa e sentir o dever de homenagear este seu Ilustre Filho, indubitavelmente dos que mais elevou o seu nome e dignificou, meritariamente.

É com este propósito que estamos aqui neste lugar sagrado e nesta romagem de saudade, para prestarmos uma homenagem simbólica, incomparavelmente muito menos significativa do que a grandeza da sua obra, mas movidos por imperativos dos nossos corações eternamente reconhecidos.

Curvemo-nos humilde e respeitosa perante os restos mortais do nosso Mestre e Amigo e elevemos a nossa prece ao Senhor Bom Jesus, para que ele tome parte no coro dos Anjos, seus eleitos, cantando por toda a eternidade os Hossanas, lá nas alturas.

Que o Sr. Padre Borda descanse na paz de Deus, como merece.

Fão, 5 de Abril de 1992.

★

No final da cerimónia religiosa realizou-se uma missa na Igreja Matriz que foi solenizada pelo Grupo Coral.

Fazemos votos para que este magnífico coral não desapareça. Nem deixem morrer nele a memória do Maestro Borda de Faria.

PADRE MANUEL FARIA BORDA

AGRADECIMENTO

Sua irmã e sobrinhos, profundamente sensibilizados pelas manifestações de pesar e carinho recebidas aquando do falecimento do seu ente querido P. Manuel Faria Borda, na impossibilidade de o fazerem individualmente, vêm por este ÚNICO MEIO agradecer a todas as pessoas que participaram nas cerimónias fúnebres do saudoso extinto e ainda a todos aqueles que de outro modo se associaram à sua dor.

A FAMÍLIA

RESTAURANTE SNACK-BAR SPORT

SERVIÇOS ESMERADOS À LISTA

CERVEJARIA — MARISQUEIRA
LUAR DO OFIR

ESPECIALIDADES:
BACALHAU À BOM JESUS
FEIJOADA À SR. JOÃO

TELEF. 981786 — FÃO

FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DE FÃO

Muito antes do Padre Chaves, já outros «Amigos de Fão» se tinham debruçado sobre a nossa terra, quer investigando as suas origens quer relatando factos relacionados com a povoação. Há algumas «Monografias» e muitos jornais que testemunham eventos mais ou menos importantes desta nossa terra. Brevemente será publicada a «Monografia» da nossa Misericórdia; talvez a instituição mais antiga de Fão.

Por QUIM DE FÃO

O Padre Chaves, Capitão Larcher, Coronel Sequeira, Dr. Neiva e outros de quem agora me não recordo publicaram várias crónicas relacionadas com o medievalismo fangueiro.

Seria interessante abrir uma página do «Novo Fangueiro» à publicação de inéditos ou transcrições de trabalhos que tivessem como assunto «Fão e as suas vicissitudes através dos tempos». Sabemos que há textos, revistas, jornais e recortes onde a história da terra é contada.

Caro leitor, quer colaborar connosco? Fotocopie o texto que lhe pertence, que guarda com carinho e permita que seja publicado nestas páginas para que os jovens da nossa terra fiquem a conhecer mais do que a lenda de Ofir; dos Cavalos de Fão, do Senhor Bom Jesus e das alminhas do Cais. Já é muito importante que os nossos filhos saibam isso, mas se publicarmos outros assuntos relacionados com os nossos antepassados, será um incentivo para que a nossa juventude ganhe aquele baírrismo que outrora existiu. Será para valer? Quem fornece o primeiro texto? Contamos consigo, fangueiro amigo! Emprestemos o texto que possui. Nós devolvê-lo-emos. E Fão ficará mais rico. E nós também, por ajudarmos a dar a conhecer o Fão de ontem! De outras eras! De outros modos de viver...

S. PAYO DE FAM

Em observância da Ordem do Muito Reuendo Doutor Provizor sobre a informação desta freguesia de Sampayo de Fam pelos Interrogatórios a ella juntos fiz a informação (*sic*) na forma seguinte. Eu o Padre Miguel Rodrigues Alvares Parocho della com dous Parochos vizinhos; de Gandra; e APullia (*sic*); que no fim assinaram.

A freguesia de Sam payo ge sita na Provincia de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga, comarca de Viana, termo de Barcellos.

He da Serenissima casa de Bragança e a ella foreyra nam só as terras, que se cultivam; mas também por ser porto de Mar, e de grande pescaria; he paha de cinco peixes hum.

Tem trezentos fogos, ou Familias, e possui, mil, e cento.

Está situada em capina sem monte algum vizinho, e della se descobre a villa de Espozende - Gandra - Palmeyra, Gemezes, do termo da dita villa de Espozende. Fonteboa do termo de Barcellos, e o couto de Appulia (*sic*) que he da Mitra Primas de Braga.

Nam tem termo seu; porque he do da villa de Barcellos.

A parochia está immediata à freguesia em hum lado della, e nam tem lugares distintos, mais que hum, chamado o de Sampayo com cinco moradores; e no mais he povoação junta, e aruada em modo de villa com muito boas cazas.

O seu Orago he Sampayo, e tem a matriz

seis Altares — o Mayor do Santissimo Sacramento — o de Nossa Senhora do Rozario — o de S. Cruz — o de Nossa Senhora da Boa Viagem — o das Almas, e o de Sam Joam. Tem duas Naues, de quatro arcos, cada huã. Tem tres Irmandades — a do Santissimo Sacramento — a do Rozario — e a das Almas.

O Parocho he Vigario da apresentação da Serenissima casa de Bragança, e tem de congrua, dez-e seis mil reis annuos, que lhe paga o Bispo deam de Villa Viçozza, e cem reis, que cada fogo lhe paga por dia de Paschoa; e trez mil, e duzentos por cada defunto de cabeceyra, que falese; e attendendo ao certo com os incertos terá de renda cada anno cento e dez mil reis.

Não tem beneficiados.

Não tem couentos.

Não tem Hospital.

Tem caza de Mizericordia por Alvará asignado pela Real mam no anno de 1601 — de mil seis centos e hum, em que lhe concede os mesmos privilegios, e intençoens (*sic*) da Mizericordia de Lisboa. Tem de renda cada anno — cento e setenta mil reis — e pagos os legados, a que he obrigada ficar-lhes-ha daquilo — sincoenta mil reis.

Tem quatro capellas ou Hermidas publicas a saber a do Bom Jezus de Fam, que he hum grande templo de abobeda de Pedra, e sito na entrada da freguesia — Nossa Senhora da Boa Morte nos arrabaldes della — Nossa Senhora da Bonança, na Praya do Mar — e Nossa Senhora da Lapa no interior da freguesia novamente erecta pello Rev.º Missionario Apostolico Angelo de Sequeira¹, feyto de bella pedraria bem lavrada — em poucos dias. A Igreja do Bom Jezus he frequentada continuamente por muitos deuotos seus, principalmente em dia da anunciaçam de Nossa Senhora concorre a ella inumeravel povo das freguezias vizinhas e ainda de algumas distantes.

Os fructos da terra sam milho grosso; trigo, ceuada, alhos, sebollas, e linho, tudo excelente em rezam da fertilidade da terra; mas muito pouco, porque a maior parte do lemite se acha Areado, por estar vizinho ao mar, que as lança fora em abundancia tanta, que tem quazi sumergido a freguesia e como ella he porto de mar, e a mayor parte dos seus moradores sam Pescadores, e o mayor negocio, de que se sustentam he de grande Pescaria, que continuamente exercitam, de que pagam de doze peixes, hum ao Bispo Deam de Villa Viçozza; e a terça parte deste Dizimo ao Chantre de Barcellos; e de cinco peyxes hum à Serenissima Caza de Bragança.

Tem Luiz Pedano com Almotaceis, e nem tem concelho, nem camera; porque he do termo da Villa de Barcellos.

Naõ he Couto, Cabeça de Concelho, Herma, ou (...)

Não ha memoria que nos tempos prezen-tes floressem homens alguns em Virtudes, Letras, ou Armas; porem antigamente consta hauer na perseguição de Deocleciano alguns martyres, como se mostra no martirologio Ro-

mano que se supoem serem desta freguesia por resistirem ao impeto do dito tirano, que impedia o celebrar-se o conilio Diocezano contra a herezia dos Celesceanistas² que se celebrou nesta freguesia, como consta de antigas noticias, que se acham dispersas por varios Auctores.

Nao tem Feyra.

Nam tem Correyo esta freguesia e serue-se do da villa de Espozende, que dista della hum quarto de legoa.

Dista da Cidade de Braga Capital do arcebispado, sinco legoas, e da de Lisboa setenta.

tem os moradores desta freguesia privilegios confirmados por muitos reyx senhores deste Reyno e ultimamente pelo Senhor Dom João o quinto da Gloriosa memoria, em que concede a todos os pescadores çadimes? desta freguesia a exenção de nam seruirem em Armadas, e seus filhos e também em outro qualquer seruiço real, pagando a dizima Noua, e Velha de todo o Peyxe, que pescarem conformando-se com o privilegio, e contracto, que para este fim instituhio o Senhor Rey Dom Joam o primeyro.

Há uma Fonte na vizinhança desta freguesia e não há Lagoa alguma, que a sua Agoa seja especial.

He Porto de Mar esta freguesia, onde há continua nauegaçam de Pescaria de Pescada, Gorazes, e Rayas e nam entram nella outro genero de embarcaçoens por ser a barra de Area inda que este defeyto se podia emmendar abrindo noua Barra encaminhando-a para um sitio de Penedos, a que chamam os Cauillos, que está nas vizinhanças da Praya tam apto para se nelle ancorarem grandes nauios, sem perigo da furia do mesmo Mar, em rezam de os ditos Penedos fazerem hum meyo circulo, que por modo de enseada, conserua ali as embarcaçoens sem prigo que a meu ver, he melhor sito deste Reyno para se fazer hum grande Porto de mar com muita utilidade para o Reino, e para esta freguesia, e provincia³.

Nam he Praça de Armas, nem tem muros ou Castello ou Torre.

Nem padeceo ruina no terramoto de 1755, de mil setecentos e sincoenta, e sinco.

Nada mais ha memorauel nesta dita freguesia, como tambem não há Montes ao pé della, motivo, porque naõ há que responder aos segundos quezitos a respeito de Montes.

A resposta aos terceyros quezitos a respeyto do Rio, que tem esta freguesia.

O Rio desta freguesia chama-se — Cava-do — ou como Antigamente — Celando⁴ — o qual nasce nas Arrayas do Reino da Galiza.

O nascimento delle he muito lmitado, e de poucas Agoas, e entra nelle o Rio — Homem — na freguesia de Sam Joam de Soutello nas vizinhanças da V.² de Prado.

He nauegavel, e capaz de pequenas embarcaçoens.

He de curço quieto.

Corre do Nascente ao Poente.

Cria-se nelle muita quantidade de Escallos e Trutas, e Vogas e safios.

(Continua na p. 7)

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO